Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060
DOSSIÊ TEMÁTICO - Os 50 Anos da Revolução de Abril: laços culturais Portugal-Brasil-África e ensino de Literaturas no Brasil
ARTIGO

ECOFEMINISMO AFROÇAMBICANO:

A presença da lua em poemas de Cães à Estrada e Poetas à Morgue, de Deusa d'África

AFRO-MOZAMBICAN ECOFEMINISM:

The presence of the moon in Cães à Estrada e Poetas a Morgue, by Deusa d'África

Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO
Submissão do trabalho: 3/07/2025
Aprovação do trabalho: 25/8/2026
Publicação do trabalho: 19/10/2026

Sávio Roberto Fonseca de de Freitas
savioroberto1978@yahoo.com.br
Universidade Federal da Paraíba

Joranaide Alves Ramos
joranaide.alvesramos@gmail.com
Universidade Federal da Paraíba

COMO CITAR
DE FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de; RAMOS, Joranaide Alves. ECOFEMINISMO AFROÇAMBICANO: A presença da lua em poemas de Cães à Estrada e Poetas à Morgue, de deusa d'África. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 66–78, 2026. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1815.

Resumo

Ecofeminismo afromoçambicano é uma perspectiva teórica que relaciona justiça ambiental, questões de gênero e ancestralidade moçambicana. Para tratar sobre este viés que concebemos, selecionamos dois poemas de Deusa d'África de sua coletânea *Cães à estrada e poetas à morgue* (2022). Neles, é possível estabelecer uma íntima relação entre mulheres e lua, mostrando como o ciclo lunar pode ser associado ao feminino e como mulheres podem ser resistentes e resilientes, mesmo em contextos adversos. Para isso, dividimos o texto em três partes e nos embasamos, principalmente, em Brandão (2003), Alaimo (2000) e Eliade (2008). Por meio da relação estabelecida entre mulheres e lua, compreendemos como a poesia de Deusa está enraizada com a perspectiva ecofeminista afromoçambicana, propondo artisticamente a reconexão entre humanos e mais-que-humanos.

Palavras-chave: *Cães à estrada e poetas à morgue*; Deusa d'África; ecofeminismo afromoçambicano; Lua.

Abstract:

Afro-Mozambican ecofeminism is a theoretical perspective that relates environmental justice, gender issues, and Mozambican ancestry. To address this bias that we have conceived, we selected two poems by Deusa d'África from her collection Cães à estrada e poetas à morgue (2022). In them, it is possible to establish an intimate relationship between women and the moon, showing how the lunar cycle can be associated with the feminine and how women can be resistant and resilient, even in adverse contexts. To this end, we divided the text into three parts and based ourselves mainly on Brandão (2003), Alaimo (2000), and Eliade (2008). Through the relationship established between women and the moon, we understand how Deusa's poetry is rooted in the Afro-Mozambican ecofeminist perspective, artistically proposing the reconnection between humans and more-than-humans.

Keywords: Cães à estrada e poetas à morgue; Deusa d'África; Afro-Mozambican ecofeminism; Moon.

Considerações iniciais

A literatura moçambicana contemporânea, em especial, a produzida por mulheres, tem [re]definido a identidade cultural do país, ao tempo que confronta artisticamente os problemas ocasionados pelas injustiças sociais e ambientais. Destaco, nesse contexto, a obra poética de Deusa d'África, jovem artista que, fundamentada por uma perspectiva ecofeminista, enraizada na realidade local de maneira bastante combativa, faz denúncias sociais, crítica ambiental, prezando pela [re]afirmação da identidade de seu povo e de sua terra. Seus poemas se tornam, pois, dispositivos de transformação e de resistência porque dialogam com os revezes históricos e atuais que desafiam mulheres e a natureza mais-que-humana.

Pensando sobre isso, analisamos *Cães à estrada e poetas à morgue* (2022), penúltima coletânea de poemas de Deusa, sob nossa ótica do ecofeminismo afromoçambicano, um viés teórico que relaciona justiça ambiental, gênero e heranças culturais moçambicanas. Por meio da figura da Lua, alegoria central dos poemas selecionados – "Música" e "A costureira" –, a voz poética relaciona mulheres e natureza mais-que-humana, fazendo de seus versos um lugar de resistência cultural e uma espécie de manifesto em prol de justiça socioambiental.

Para pensar as questões mencionadas, dividimos este texto em três partes principais. Na primeira, apresentamos como a poesia de Deusa é potente e contestatória para com os regimes opressivos que atingem Moçambique e, principalmente, suas mulheres e sua natureza mais-que-humana, fortalecendo, com isso, o projeto de moçambicanidade. Nesta seção, discutimos, paralelamente, sobre as confluências entre os princípios ecofeministas, na vertente que nomeamos de afromoçambicana, e a poesia de Deusa, uma ferramenta artística que possibilita repensar nossas práticas.

Na segunda parte, apresentamos algumas ideias de Mircea Eliade (2008) para introduzir a conceituação de ciclos naturais e de transformação relacionados à Lua e, por conseguinte, às mulheres; a conexão entre humanos e natureza mais-que-humana; a presença da lua e das mulheres na poesia de Deusa como símbolo de resistência e subversão aos poderes [neo]coloniais. Finalmente, apresentamos uma leitura ecofeminista afromoçambicana dos dois poemas supracitados, relacionando mulheres e natureza mais-que-humana. Para tanto, realizamos embasamento teórico por meio de Izabel Brandão (2003), Vanessa Pinheiro (2022), Mircea Eliade (2008), Stacy Alaimo (2000), Paradiso (2015; 2020) e Garuba (2003).

1 A obra e a teoria: Raízes e relações do Ecofeminismo afromoçambicano

Deusa d'África é uma jovem poeta moçambicana que tem conquistado cada vez mais espaço na cena literária de seu país, por meio de uma obra que reflete intimamente a história de sua terra e de sua gente, recuperando-a e ressignificando seus bens simbólicos, numa espécie de reação político-histórica aos [neo]colonialismos e imperialismos que foram impostos contra Moçambique. Considero, por essas questões, a poesia de Deusa necessária para a potencialização do projeto de

moçambicanidade, uma iniciativa cultural, social e política que visa promover e reforçar a identidade nacional moçambicana.

Nesse contexto, retomo o que disse a professora e pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Vanessa Pinheiro, no prefácio de *Cães à estrada e poetas à morgue* (2022, p. 7): "a poesia de Deusa d'África é um golpe de azagaia. Ela desassossega, perturba, rouba a paz, tira-nos da letargia". O título desta coletânea é crítico e simbólico, a começar por "cães à estrada", que aponta para uma imagem de marginalização e abandono não apenas de cães, mas de indivíduos ou grupos excluídos pela sociedade. A segunda parte do título, "poetas à morgue", sugere a morte literal ou figurativa dos poetas que vivem em uma sociedade que não valoriza o papel vital dos poetas e da poesia. Ambos, poetas e cães (estejam em sentido figurado ou literal) são escanteados, negligenciados e silenciados.

A relação entre "cães" e "poetas" aponta, nesse contexto, para a dualidade entre o impulso primal e a reflexão artística: "Os cães cheiram a rato/ mordem e assopram/ apagando a luz nocturna/ abrem fendas em auto-estradas/ reconstroem destruindo as estradas/ latem quando veem o dono de casa/ silenciam-se diante de seus irmãos/ multiplicam-se facilmente/ roubam a liberdade/ roncam/ os cães coçam-se suas feridas/ e de noite os cães voam" (2002, p. 113); "Poetas se fazem numa morgue/ cantam hinos de morte/ derrotados dançam a dança da derrota/ gargalham a gargalhada da vileza/ com dentes caninos aos pedaços" (p. 128).

Trata-se de uma coletânea perspicaz, muito madura, dura e contestatória, fundamental para o feminismo afromoçambicano, porque constitui aquilo que Pinheiro (2022) chamou de poética-manifesto visto que se debruça sobre temas que precisam ser questionados local e externamente, como o machismo, a repressão, a criminalidade, a fome, o sexo, os corpos violentados das mulheres, além de reflexões sobre o ato de fazer poesia, retomando seu olhar crítico sobre a Mátria e seus conterrâneos.

Percebo também que Deusa recorre estrategicamente à natureza mais-que-humana, como é possível notar já no título, para tratar questões de justiça socioambiental, para criticar e subverter as estruturas de dominação existentes, transformando seus poemas em um espaço onde as mulheres podem encontrar força e sororidade. Seus poemas são, ao mesmo tempo, lugar de abrigo e um campo de batalha, onde novas formas de [r]esistência são legitimadas, pois, ao olhar para as misérias que atravessam o seu povo, Deusa transforma sua poesia em um chamado à ação e à reflexão sobre nosso papel na construção de um mundo sustentável. Aproveitamos, então, este artigo para mostrar o caráter ecofeminista que fundamenta este livro.

Ecofeminismo é, segundo Izabel Brandão (2003, p. 462), "movimento prático em busca de mudanças relacionadas às lutas femininas; como "retecedor de novas histórias que busquem o reconhecimento e valorização da diversidade biológica e cultural mantenedora da vida"; e/ou como "desafiador das relações de dominação"". Por nos interessar por uma literatura produzida em um contexto sócio-histórico diferente do nosso, localizado geograficamente afastado do centro das teorias ecofeministas, demonstramos um viés ecofeminista mais particular, ao qual nomeamos de

afromoçambicano que, por sua vez, não se distancia do breve delineamento apresentado, mas se fundamenta em questões locais.

Olhamos, então, para a obra de Deusa, como aquilo que Alaimo (2000, p. 13) chamou de uma gama notável de textos femininos [que] habita a natureza para transformá-la, não apenas lutando com as naturezas que foram travadas contra as mulheres, mas escrevendo a natureza como espaço feminista". Nesse sentido, esta obra [re]constrói a relação entre humanos e natureza mais-que-humana em Moçambique, sendo a natureza não apenas um espaço físico, mas um campo simbólico de resistência e transformação, subvertendo a visão da natureza como passiva e subjugada ao dar-lhe voz, contribuindo com o que Alaimo (2000) nomeou de "teorização situada", isto é, suas experiências particulares como mulher moçambicana lhe permite escrever a natureza de uma forma que desestabiliza o discurso hegemônico ocidental; a natureza, em sua obra, é um espaço dinâmico onde se desenrola lutas simbólicas e onde se pode vislumbrar novas possibilidades para o ecofeminismo.

Na obra de Deusa, de modo geral, a mulher está intimamente ligada à natureza, embora tal conexão seja atravessada por cesuras históricas. Contudo, ao reaver memórias e ancestralidade de seu povo e a potência da natureza mais-que-humana, a autora poetiza a resiliência e a resistência das mulheres e da natureza, [re]conectando-as em uma relação libertadora, pois permite à mulher retomar o seu lugar no mundo.

Pensando sobre esses pontos, compreendo que, grosso modo, em Moçambique, a natureza não é apenas vista como um recurso material, mas parte fundamental da vida social, espiritual e cultural, ocupando um lugar central na espiritualidade de muitas comunidades tradicionais, para as quais, a terra, as florestas, os rios e as montanhas são considerados sagrados, porque são habitados por espíritos ancestrais. Esses locais são vistos como fontes de poder e sabedoria, e a natureza é muitas vezes tratada com respeito devido à sua conexão com o mundo espiritual. Nessa perspectiva, apontamos para as crenças animistas que fundamentam as relações entre natureza humana e natureza-mais-que humana e que visualizamos na obra de Deusa.

Sendo Deusa adepta desta força vital que vê o mundo como unidade, encontramos aqui a justificativa principal para a subversão aos binarismos e hierarquizações entre natureza humana e natureza mais-que-humana, contribuindo para que nossa análise se apoie em concepções oriundas do próprio imaginário africano pois, "apesar do termo animismo passar por discussões antropológicas, ainda é o que melhor se integra ao pensamento filosófico de base, para inúmeras práticas e modos de pensar de sociedades tradicionais em África" (Paradiso, 2020, p. 105).

O embasamento animista contribui, inclusive, com aquilo que Garuba (2003) chamou de re-tradicionalização de África, atravessada pelas ditas modernidades europeias e, que aqui, situamos em Moçambique, associamos ao projeto de moçambicanidade e alicerçamos na "chamada visão negro-africana do universo das sociedades tradicionais, que é a visão animista em cuja essência está a força vital fazendo a interação entre vivos e mortos, natural e sobrenatural" (Bueno; Soares; Parreiras, 2012, p. 53 *apud* Paradiso, 2020, p. 105).

Deusa descreve a natureza mais-que-humana dotada de alma (anima) e tal atitude é uma ação político-cultural. Ela entende que o mundo natural não é apenas um cenário para as ações humanas, mas um conjunto de agentes que compartilham com os seres humanos o poder de ação, transformação e existência, abordagem decorrente de tradições ancestrais, em que a natureza era percebida como dotada de alma ou espírito. A obra de Deusa é um gesto consciente de revalorização dessas cosmologias africanas frente a um mundo que, sob a influência do colonialismo e da modernidade ocidental, desumanizou frequentemente as culturas africanas e reduziu a natureza a um objeto de exploração.

Essa atitude, portanto, não é passiva ou nostálgica; ao contrário, é ativa e transformadora. Quando Deusa evoca a anima da natureza, desafia a visão cartesiana que separa o humano do não-humano, o material do espiritual, propondo um novo tipo de relação com o mundo, uma ética de coexistência em que a natureza é respeitada como sujeito. Além disso, essa ação político-cultural carrega uma dimensão feminista e, ao descrever a natureza como viva e dotada de agência, a poeta rompe com paradigmas patriarcais que objetificam tanto o corpo feminino quanto o meio ambiente, alinhando-se ao ecofeminismo, aqui afromoçambicano, que reitera uma ética de cuidado e interdependência, assumindo o papel que Paradiso (2015, p. 269) acredita que os escritores africanos pós-colonias têm: "de neo-historiadores, neoantropólogos, neoetnólogos, porta-vozes de suas etnias, nações e do próprio continente".

Sendo Deusa uma mulher escritora em um lugar tão ocupado por homens, seu papel tem importância e potência ainda maiores para a cultura local e para as suas pares; tarefa a que chamamos, então, de territorialização da poesia no feminino, ou melhor, mulherização da poesia moçambicana. Estrategicamente, então, Deusa articula resistência cultural, afirmação identitária, denúncia socioambiental e a proposição de uma ética alternativa, ao tempo em que reforça o valor da literatura como uma ferramenta de transformação, capaz de transcender o âmbito artístico e influenciar debates fundamentais sobre meio ambiente, gênero e justiça, assim, suas obras não apenas imaginam um mundo diferente, mas também nos convidam a repensar nossas práticas e relações no presente.

Para aprofundar essas reflexões, elencamos a figura da Lua, presente na obra de Deusa. Essa categoria emerge como eixo que articula o diálogo entre obra e ecofeminismo afromoçambicano. A Lua, em *Cães à estrada e poetas à morgue* não apenas configura um diálogo simbólico entre o humano e o mais-que-humano, mas articula resistência às opressões históricas enfrentadas pelas mulheres moçambicanas, ressignificando o seu lugar e o lugar da ecologia em um contexto marcado por desigualdades de gênero, exploração ambiental e [neo]colonialidades.

2 Sob a mística lunar deusiana

Embasamo-nos nas ideias de Mircea Eliade (2008) para esclarecer os sentidos e simbologias que dizem respeito à lua e importam aqui. Em seu *Tratado de História das Religiões*, a autora explora

as manifestações religiosas em várias culturas ao longo tempo, a fim de compreender os símbolos, mitos, rituais e práticas que moldam as experiências humanas com o sagrado. Eliade (2008, p. 127), então, inicia suas reflexões dizendo que "o Sol permanece sempre igual, sem qualquer espécie de "devir". A Lua, em contrapartida, é um astro que cresce, decresce e desaparece, um astro cuja vida está submetida à lei universal do devir, do nascimento e da morte. Como o homem, a Lua tem uma "história" patética, porque a sua decrepitude, como a daquele, termina na morte". Ao comparar o ciclo de vida da lua e o do ser humano, ela iguala homens e mulheres que, diferentes do astro, não renascem.

Segundo Eliade (2008, p. 127-128), "esse eterno retorno as suas formas iniciais, esta periodicidade sem fim faz com que a Lua seja o astro dos ritmos da vida", controlando "todos os planos cósmicos regidos pela lei do devir cíclico: águas, chuva, vegetação, fertilidade [...]", "a fecundidade das mulheres, a dos animais, o destino do homem após a morte e as cerimônias de iniciação. Nesse contexto, Eliade acrescenta que, além de controlar, a Lua também unifica e equilibra (a exemplo do que ocorre nas tradições agrícolas, nas quais a lua influencia o crescimento da planta, enquanto a água é essencial para a saúde e crescimento do vegetal) porque "tudo se liga e constitui um conjunto de estrutura cósmica", conforme a perspectiva ecofeminista que considera as interconexões entre seres humanos e natureza mais-que-humana, rejeitando dicotomias e valorizando uma visão integradora e relacional do mundo.

Deusa se apodera das simbologias da Lua para contrapor-se às estruturas e ferramentas de poder coloniais, utilizando a Lua, descrita por Eliade, como regente dos ciclos de transformação, morte e renascimento, como metáfora central nos poemas selecionados. Essa escolha é uma estratégia interessante de ressignificação de poderes associados historicamente ao feminino e ao natural, fazendo da Lua um símbolo de resistência e unidade, como mostraremos abaixo.

3 Poemas de lua de Deusa d'África

Nesta seção, apresentaremos "Música" e "A costureira", poemas de *Cães à estrada e poetas à morgue* (2022), no quais a Lua é chave importante para entender a crítica socioambiental e de gênero poetizada por Deusa. Vejamos.

Música

Nas axilas do luar
há odores de todas as cores
que descem a cada rebolar das suas ancas
movidas pelo som do vento lúdico e amordaçado.
Zunem estalidos das lúnulas que fazem a penumbra
intercalando a luz que gargalha entre as folhas da mafurreira
amuando a inexpressividade do silêncio vergado à concupiscência
abaçanado pelos compassos que amolecem o vulto da noite aos gemidos
na insulação reacendendo a pólvora nos dedos dos pés para que o calor

seja coqueiro
na cintura da pitorra que ao rimo do cordel se ancora-se à longanimidade na [convulsão eclética
rangendo os dentes na torre de incertezas e abrindo estradas estreitas e longas para [viver ritmadamente.
(*Cães à estrada e poetas à morgue,* 2022, p. 43).

"Música" é um poema-canção que associa sensações, atividade e sons, cabendo ao luar definir o ambiente. O primeiro verso – "nas axilas do luar" – concebe um espaço vivo, de convivência, iluminado pelo luar, carregado de odores e cores – "há odores de todas as cores" –, criando poética e sinestesicamente uma experiência na qual sentidos se misturam e a natureza é sentida em sua plenitude. A lua deixa de ser um corpo celeste apenas e se torna guia entre o físico e o transcendente.

O verso "que descem a cada rebolar das suas ancas" é uma personificação animista da lua, constituindo uma imagem corporal sedutora, uma dança fluida, com a qual a lua desce do céu para deslumbrar o ambiente, tornando-se mais acessível ao mundo, irradiando sua força e inspiração, conectando o cósmico e o terreno, o alto e o baixo, estabelecendo continuidade entre os planos. O "rebolar" é movido, antagonicamente, "pelo som do vento lúdico e amordaçado", ou seja, o vento é, ao mesmo tempo, brincalhão e espontâneo, reprimido e controlado e, assim, é possível perceber que Lua e vento, mesmo independentes, estão intimamente ligados, são presenças animadas que transformam a noite.

Outras imagens sinestésicas são criadas – "Zunem estalidos das lúnulas que fazem a penumbra/ intercalando a luz que gargalha entre as folhas da mafurreira" –, associando-se som e luz ou a falta dela. As lúnulas são formas ou objetos no formato da lua crescente, usadas inicialmente pela geometria; mas, no contexto poético, as "lúnulas que fazem a penumbra" geram imagens associadas à luz da lua e à oscilação de sombras que ela cria. Os "estalidos das lúnulas" personificam a luz e atribuem-lhe um som, como se o luar iluminasse/ressoasse em harmonia com os movimentos ao redor, transformando, inclusive, a penumbra em algo vivo e sonoro, reforçando o ambiente noturno mágico e onírico.

Outra personificação interessante se dá no verso "intercalando a luz que gargalha entre as folhas da mafurreira". A risada aparece entre as folhas da mafurreira, árvore africana, símbolo da cultura africana, de resistência e de vitalidade. A luz é mensageira da alegria enquanto a mafurreira atua como um pórtico entre o luar e a terra, ou entre o céu e o espaço da dança. Tem-se assim, a interação entre o movimento do vento e das árvores, e da luz da lua, que mostram formas indefinidas e momentâneas, por meio do movimento de luz-sombra do luar, em um ambiente misterioso e sensual, comum a cenas da noite iluminadas pela lua.

A atmosfera onírica é mantida pelos versos seguintes – "Amuando a inexpressividade do silêncio vergado à concupiscência" – que sugerem uma passagem do desânimo à energia vital, na qual o ímpeto sensual e ritmado da música e do movimento rompem o silêncio que, humanizado, sai do estado de amuado, é transformado e subjugado pela concupiscência ou desejo carnal e volúpia pulsante. Esse clima saturado é fortalecido pelo termo "abaçanado" que remete ao calor intenso fruto

do ambiente e da intensidade emocional dos "compassos que amolecem" o "vulto da noite aos gemidos", personificadores da noite, tornando-a agente na experiência musical da voz poemática.

Ao cenário quente e ritmado do poema é incorporada outra planta, associada à fertilidade, também relacionada à resiliência, representação do crescimento e da continuidade: o "coqueiro", sustentado e energizado pela força incontrolável de um corpo: "reacendendo a pólvora nos dedos dos pés" que, conectados à terra, energizam todo o corpo, diferente do estado inicial, de "insulação".

O ritmo da música continua movendo o corpo, circular e continuamente, como o movimento da "pitorra" que gira em torno de seu eixo, movida por uma corda ou impulso, "ao ritmo do cordel", alegoria para música e para a forma que move o corpo e a vida, referência ao fio que dá movimento e à literatura de cordel, ligada às tradições orais, ancorada na "longanimidade na convulsão eclética", outra imagem contrastante entre paciência e convulsão, uma explosão de energia e emoção.

"Rangendo os dentes na torre de incertezas e abrindo estradas estreitas e longas para viver ritmadamente", último verso do poema, confirma a tensão desenvolvida ao longo do texto, isso porque a primeira ação, a de ranger os dentes, mostra que, mesmo com dificuldades, a voz do poema continua firme na "torre de incertezas", expressão de isolamento e ansiedades, o que representa os problemas impostos à vida e à criação artística que abrem "estradas estreitas e longas para viver ritmadamente".

Com essa leitura, mostramos que "Música" poetiza, sob a ótica ecofeminista afromoçambicana, a coexistência entre natureza humana, natureza mais-que-humana e o cosmos, sendo a lua o eixo que ilumina e guia. Por meio de sua linguagem habitualmente densa e da relação de sinestesia estabelecida, Deusa ergue um cenário no qual o som, a luz e os movimentos se combinam, anunciando a força potente e transformadora do luar e da música tanto para a vida quanto para a arte. Asseguramos ainda que, a lua, como em outros poemas da autora, é símbolo de resistência e vitalidade que ilumina os caminhos do corpo e da espiritualidade e, no caso deste texto, estas características são reforçadas pela música, alegoria de persistência diante das incertezas.

Centralizando a lua novamente, Deusa escreveu "A costureira":

A costureira

Talhava dia e noite
as feridas da alma
tinha a mão de fada
que espetava a agulhava
sobre a carne e cantava a dor;
costurava tristezas no bolbo do sol
e crescia a lilácea na horta do tempo
como se nada se espetasse no seu corpo,
costurava a lua quando se rasgasse ao meio
e quando cheia ou ao apresentar-se às meias
era levada à cirurgia, as duas partes uniam-nas com afinco
numa agulha e linha trespassando o coração da luz lunar
costurava as bocas para que não gritassem a voz da liberdade

> unindo os pedaços dos lábios presos pela linha prateada do silêncio
> costurava solos para que o milho e feijão não sobressaíssem do solo
> da cirurgia feita às plantas da sua terra e costurava toda a prata colhida
> nos olhos rasgados para que se cerrassem com suas dores e seus gritos.
> (*Cães à estrada e poetas à morgue*, 2022, p. 44)

"A costureira" é um poema com imagens encorpadas que conectam a atividade de costurar a um ato de cura e, ao mesmo tempo, de controle e subjugação. A costureira é, então, retratada como uma figura ambivalente: ao mesmo tempo que tinha "a mão de fada", sugestão de delicadeza e habilidade, também "espetava a agulhava/sobre a carne e cantava a dor", física e simbólica, pessoal e coletiva, especialmente de mulheres, povos e territórios marginalizados, tema recorrente na obra deusiana; simultaneamente, o ato de espetar a agulha na carne, além de figurar o enfrentamento direto da dor, estampa a capacidade de transformá-la em arte e expressão, como no canto. A costureira, além de figura humana, é uma alegoria de resistência e transformação, dotada de um poder mítico para remendar não apenas tecidos, mas a própria realidade, porque "talhava dia e noite/ as feridas da alma", atuando em um ciclo ininterrupto de exaustão e sofrimento.

O trio de versos seguintes – "costurava tristezas no bolbo do sol / e crescia a lilácea na horta do tempo / como se nada se espetasse no seu corpo" – configura imagens poéticas que associam dor, transformação e resistência. No primeiro, a costureira costura tristezas no "bolbo do sol", uma imagem orgânica que se refere a parte da planta onde são armazenados todos os seus nutrientes, sua origem; o sol é tradicionalmente associado à luz, à energia e ao calor fundamentais à vida. O verso pode dizer sobre a mistura de experiências de dor com o poder de revitalização do sol, o que mostra a possibilidade de transformação do sofrimento em alívio, fazendo do sol algo tangível.

Costurar no "bolbo do sol" é, então, uma ação realizada no centro da energia essencial e das emoções mais profundas, como se a tristeza fosse algo que precisa ser tratado no centro da existência. Essa intervenção aponta para a capacidade transformadora da costureira: além de atuar sobre a matéria-prima do sofrimento, ela o coloca no cerne da luz e da energia para, depois de costuradas as tristezas, crescer uma lilácea, instalada na "horta do tempo". Segundo os versos, a dor e a alegria coexistem como partes inseparáveis da experiência humana.

O crescimento da lilácea aponta para outro processo de transformação: de tristezas costuradas no bolbo do sol a algo belo e vivo, como se a dor pudesse ser refinada pela arte ou pela criação na "horta do tempo", um espaço onde o tempo é cultivado como um campo fértil que, diferente do tempo linear e cronológico, pode ser semeado, cuidado e colhido. A costureira, portanto, além de remendar, também cultiva novos significados a partir do sofrimento, "como se nada se espetasse no seu corpo".

No entanto, a expressão que encabeça o verso – "como se" – introduz uma situação hipotética. A costureira, que lida com agulhas e dores próprias e alheias, parece imune ou insensível àquilo que poderia feri-la. Assim sendo, esse verso pode ser lido de duas maneiras: por um lado, a costureira é uma figura austera, que suporta a dor e não permite que esta a impeça de cumprir seu papel; por

outro lado, essa aparente insensibilidade, ou fingimento, pode ser um mecanismo de autoproteção, comum a quem lida com sofrimento recorrente.

O corpo da costureira – "no seu corpo" – , espaço físico e simbólico, é onde a dor poderia se manifestar, no entanto, a negação da dor no corpo sugere uma transcendência: ela canaliza o sofrimento para sua atividade criativa, distanciando-o de si mesma. Essa imagem se junta a temas mais amplos da obra de Deusa, como a força das mulheres que lidam com a dor e a transformação, muitas vezes em contextos adversos.

Além de tratar sobre resistência e resiliência, outro ponto frequente na obra deusiana e bastante relevante neste poema é a lua que, aqui, também aparece como um elemento ativo, um corpo celeste que sofre, rasga-se e necessita de reparos, o que gera uma íntima relação entre a lua e o eu lírico, como se a costureira fosse uma espécie de guardiã do universo. A imagem da lua partida – "costurava a lua quando se rasgasse ao meio/ e quando cheia ou ao apresentar-se às meias/ era levada à cirurgia, as duas partes uniam-nas com afinco" – sugere transformação e impermanência.

A costureira e sua capacidade humana de intervir naquilo que é transcendente, com sua "agulha e linha trespassando o coração da luz lunar", toma para si a responsabilidade de restaurar a ordem cósmica, reforçando, por meio da metáfora do coração da lua, que o trabalho da costureira, além de físico, é espiritual, porque ela toca o âmago do divino, mantendo-o íntegro, apesar das destruições impostas. A intercessão direta da costureira na lua aponta que ela não está apenas reparando uma superfície, mas penetrando em sua essência, como quem enfrenta traumas e dores profundas para iluminar aspectos da existência que geralmente permanecem ocultos.

Nesse contexto, a lua desempenha um papel central na interseção entre elementos cósmicos e humanos, profundamente conectado aos atos de reparação, de transformação e da resistência feminina. Se, inicialmente, a lua aparece como um corpo vulnerável, que precisa ser costurado quando "rasgado", numa analogia à fragilidade própria da existência e da natureza, também diz sobre uma ação reparadora que transcende a fragilidade. Sua integridade, neste caso, depende do trabalho diligente da costureira que representa cuidado com algo maior que o próprio eu, alinhavando a ideia de que há sempre alguém/algo ocupando-se nos bastidores para manter a harmonia do cosmos.

A costureira se dedica à lua em diferentes fases do seu ciclo – "quando cheia ou ao apresentar-se às meias" –, tradicionalmente associadas ao feminino, ao tempo, ao nascimento e à renovação, ou seja, ao inevitável movimento do tempo e das mudanças, sugerindo que mulheres e lua também passam por momentos de plenitude e fragmentação. Assim como a lua, a costureira parece ser uma extensão dessa feminilidade cósmica: ela suporta a fragmentação e a dor, mas também é responsável por reconstituir[-se] e regenerar[-se].

Outro ponto que merece nossa observação é a linha prateada que remete à luz da lua – "unindo os pedaços dos lábios presos pela linha prateada do silêncio" –, utilizada aqui para coser bocas e silenciar vozes. Assim, a lua assume um papel dúbio: a luz prateada da lua, comumente associada à inspiração, é usada para conter, uma crítica, talvez, ao silêncio imposto pela sociedade ou pelas

circunstâncias, que priva as pessoas — especialmente as mulheres — de sua liberdade de expressão; a lua também pode ser vista como cúmplice da resistência silenciosa porque, embora as bocas estejam suturadas, há uma força latente que espera o momento certo para se libertar.

A contenção é reforçada pelos versos: "costurava solos para que o milho e feijão não sobressaíssem do solo/ da cirurgia feita às plantas da sua terra e costurava toda a prata colhida/ nos olhos rasgados [...]". Os olhos, símbolos de percepção e verdade, são "cerrados" pela costureira, como se ela estivesse tentando apagar a dor ou os testemunhos do sofrimento, o que reforça a multiplicidade da atividade da costureira: seu trabalho é tão necessário quanto doloroso. Além disso, a metáfora de limitação se expande para a terra, indicando uma tentativa de conter a vida e o crescimento, outro ato de controle, reflexo das tensões entre opressão e resistência na sociedade em que o poema pode estar inserido. O poema termina com uma nota de clausura – "para que se cerrassem com suas dores e seus gritos". Ao cerzir as feridas e os gritos, a costureira encerra as dores, mas impede a liberdade de expressão, ou seja, cura nem sempre é liberdade; pode ser conformidade forçada.

O ciclo lunar reflete a condição humana e, em especial, das mulheres, regularmente sujeitas a rasgos e remendos. Enquanto a lua representa transcendência e resiliência; a costureira é mediadora dos mundos humano e cósmico, e reparadora de feridas concretas e simbólicas. A ação da costureira mostra como as ações cotidianas podem ter impactos comunitários, reforçando a necessidade de uma ética de coexistência e cuidado, especialmente, com os mais vulneráveis, como corpos femininos e natureza mais-que-humana.

Sob a ótica ecofeminista afromoçambicana, apontamos que, "A costureira" não só reafirma o papel das mulheres na regeneração dos mundos interno e externo, mas também denuncia as estruturas de opressão que silenciam suas vozes e limitam seu alcance. A costureira e a lua, em sua conexão simbólica, nos oferecem um chamado: cuidar do que é fragmentado, reconhecer nossa interdependência e imaginar formas mais justas de coexistência. O poema revela, pois, como Deusa constrói uma narrativa poética de resistência, na qual o feminino e a natureza são apresentados como forças interconectadas e transformadoras. A Lua, símbolo central, representa tanto a fragilidade quanto a resiliência, reafirmando a importância de uma vivência harmônica e integrada com os ciclos naturais. Essa poesia subverte dicotomias tradicionais, oferece uma visão de mundo relacional e se alinha aos princípios do ecofeminismo, especialmente em seu contexto afromoçambicano.

Considerações finais

Nesse texto, demonstramos a relação positiva entre natureza humana e natureza mais-que-humana, partindo da associação entre mulheres e lua. Esta, em culturas africanas, é comumente associada à proteção e renovação, por exemplo, e, por isso, na poesia deusiana, a lua é símbolo de força que conecta mulheres a um poder revolucionário e reabilitador, sendo refúgio e impulso para opor-se contra injustiças socioambientais.

Deusa se apropria dessa ligação – mulher-lua – e explora poeticamente a capacidade das mulheres de serem resistentes e resilientes em ambientes hostis, mostrando como ambas são também símbolo de criatividade e ação político-cultural. Sendo assim, sob nossa perspectiva ecofeminista afromoçambicana, entendemos que a lua deusiana não é apenas um elemento cósmico, mas um símbolo na luta por justiça socioambiental e de gênero, representada nestes poemas, chamando à reflexão sobre a importância de ruir dicotomias e de considerar as interdependências que fundamentam a vida humana e mais-que-humana em sua plenitude.

Assim sendo, compreendemos que as relações estabelecidas por Deusa entre mulheres e lua, ou mulheres e a força regeneradora da natureza são profundamente articuladas ao que nomeamos de ecofeminismo afromoçambicano, uma concepção enraizada no contexto sociocultural e histórico de Moçambique e, de maneira mais ampla, nas experiências africanas que não podem ser desvinculadas de sua história de [neo]colonialidades impostas, fundadoras das injustiças ambientais e de gênero. Tal perspectiva, em seu ponto de vista artístico e afropolítico, propõe, por meio da conexão entre naturezas humana e mais-que-humana, reconexão entre povos locais, seus saberes tradicionais e ancestrais e seus territórios, como possibilidade de garantia de dignidade, justiça e de empoderamento, em especial, para as mulheres, mais afetadas pelos processos mencionados.

Referências

ALAIMO, Stacy. **The Undomesticated Ground - Recasting Nature as a Feminist Space**. Ithaca and London: Cornell UP, 2000.

BRANDÃO, Izabel. Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas. In: _____; MUZART, Zahidé. **Refazendo nós**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 461-473

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

D'ÁFRICA, Deusa da. **Cães à estrada e poetas à morgue**. Moçambique: Alcance Editores, 2022.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GARUBA, Harry. **Explorations in Animist Materialism: Notes on Reading/Writing African Literature, Culture and Society**. In: Public Culture 15, n. 2, 2003, pp. 261-285.

PARADISO, Silvio Ruiz. **Religiosidade na literatura africana: a estética do realismo animista**. Revista Estação Literária, Londrina, v. 13, p. 268-281, jan. 2015. Disponível em: https://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL13-Art18.pdf. Acesso em 01 de janeiro de 2025.

_____. **O realismo animista e as literaturas africanas: gênese e percursos**. Revista Eletrônica Interfaces, v. 11, n. 02, p. 97-112, 2020. Disponível em: <v. 11, n. 02 (2020)>. Acesso em 01 de janeiro de 2025.

PINHEIRO, Vanessa Riambau. Prefácio: Poesia como azagaia: A poética-manifesto de Deusa d'África. In: D'ÁFRICA Deusa. **Cães à estrada e poetas à morgue**. Moçambique: Alcance Editores, p. 5-11, 2022.